



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS- CAMETÁ
FACULDADE DE HISTORIA (FACHTO)**

MARIA RAIMUNDA CORREA CRUZ

**OLHA A MIRIRÛ: A CRIANÇA INDÍGENA EM PRÁTICAS SOCIAIS E
CULTURAIS NA ALDEIA INDÍGENA ANAMBÉ (MOJU REGIÃO DO
TOCANTINS- PARÁ)**

Cametá / Pará

2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS-CAMETÁ
FACULDADE DE HISTORIA (FACTHO)**

MARIA RAIMUNDA CORREA CRUZ

**OLHA A MIRIRÛ: A CRIANÇA INDÍGENA EM PRÁTICAS SOCIAIS E
CULTURAIS NA ALDEIA INDÍGENA ANAMBÉ (MOJU REGIÃO DO
TOCANTINS- PARÁ)**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a
Faculdade de História - FACTHO /UFPA - do Campus
Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá como um dos pré-
requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em
História, sob a orientação da Profª. Drª. Benedita Celeste de
Moraes Pinto.**

**Cametá / Pará
2016**

MARIA RAIMUNDA CORREA CRUZ

OLHA A MIRIRÛ: A CRIANÇA INDÍGENA EM PRÁTICAS SOCIAIS E CULTURAIS NA ALDEIA INDÍGENA ANAMBÉ (MOJU REGIÃO DO TOCANTINS- PARÁ)

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Benedita Celeste de Moraes Pinto
Orientadora

Prof^a. Tereza Cristina Ribeiro
Membro da Banca

Prof^a. Mestranda Maria de Fátima Rodrigues Nunes
Membro da Banca

Cametá- Pará
2016

A minha família e principalmente aos meus queridos pais
José Lopes da Cruz e Celita Corrêa Cruz. Dedico a vocês,
Mãe e Pai!

A vida do índio é de certo modo uma ininterrupta
cerimônia ritual.

São um povo para o qual

O idoso é o dono da história,

O homem adulto é o dono da aldeia,

A mulher, a dona da prática das tradições
no dia-a-dia e da casa

E a criança...

... a criança a dona do mundo.

Uma criança de uma aldeia indígena goza da mais plena
liberdade que já pude testemunhar.

(Orlando Villas Boas)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus**, por me guiar em todos os momentos da minha vida, pois nos momentos difíceis ele foi o meu refúgio a minha fortaleza.

A meus pais, meus amores **José Lopes da Cruz** e **Celita Corrêa Cruz**, por terem me dando a oportunidade de estudar, mesmo com todas as dificuldades sempre me incentivaram no meu estudo, e mesmo longe sempre estão prontos para me ajudar quando preciso deles.

Ao meu irmão **Alfredo Corrêa Cruz** e minha cunhada **Paula Nara da Silva Cruz**, e a minha sobrinha **Nayara Letícia da Silva Cruz**, por abrirem a porta da sua casa, me acolheram e me ajudaram desde quando cheguei aqui em Cametá, me tratam muito bem e sei que posso contar com eles em todos os momentos.

A minha irmã **Malcilene Corrêa Cruz**, que mesmo longe sempre se preocupa comigo, e a todos os meus **outros irmãos e família** que sei que torcem pela minha felicidade e pelo meu crescimento.

A dona **Raimunda Linda Coelho da Silva** uma pessoa que considero como uma mãe, que me adotou como uma filha, uma pessoa que me dá força para lutar e nunca desistir dos meus objetivos. Deu-me apoio, força e incentivo nos estudos, como ela sempre diz: “sem o estudo minha filha a gente não é nada”.

A minha professora e orientadora **Dr.^a Benedita Celeste de Moraes Pinto**, mulher guerreira e batalhadora, que admiro muito, obrigada por não ter me deixado desistir do meu estudo, em um momento de desespero na minha vida encontrei com a senhora e recebi a força e o apoio necessário para continuar. Obrigada professora, sem as suas orientações e puxões de orelha esse trabalho não seria possível.

A uma pessoa que considero como irmã e que tenho um carinho enorme, e é minha amiga de todas as horas **Angélica Daynara Coelho da Silva**, que sempre está presente em todos os momentos seja bons ou ruins.

A minha colega de curso, que se tornou a minha grande amiga, **Silvane Suelén Sanches Costa**, que sempre esteve presente e agradeço a Deus que te colocou na minha vida, obrigada pela amizade e por todos os momentos que passamos juntas.

As minhas colegas **Vanessa Pacheco Batista e Erica Mendes Alves**, que se tornaram minhas amigas, companheiras de trabalhos, juntas compartilhamos todos as angústias e nervosismo pré-seminário, mas no final sempre deu certo, então agradeço por tudo que vocês fizeram por mim.

A dois colegas de curso que sempre estiveram do meu lado companheiros de pesquisa que foram essenciais na composição deste trabalho, **Zenil Pinto Corrêa**, uma pessoa que se transformou em uma grande amiga e irmã, que sempre esteve presente na minha vida e que ajudou e me ajuda quando preciso, meu muito obrigada minha querida. E ao meu amigo **Issac Gonçalves Portilho** um anjo nessa etapa da minha vida, devo muito a você obrigada por tudo.

A todos **os outros colegas** do curso de História-2012 que não citei nomes, mas foram muito importante na minha jornada acadêmica, foram quatro anos de muito aprendizado ao lado de vocês e todos de alguma forma contribuíram para o meu crescimento em meio as dificuldades que encontramos durante o tempo que passamos juntos.

A professora **Susana Braga**, que se dispôs a nos acompanhar e ajudou para nossa chegada até aldeia Anambé, obrigada querida.

A **todos os habitantes da aldeia indígena Anambé**, que nos receberam e permitiram a nossa presença na aldeia, em especial **as crianças Anambé**, que me trataram com muito carinho e foram fundamentais para a composição desse trabalho.

A **todos os professores da faculdade de História**, pela transmissão de valiosos conhecimentos e que contribuíram para a minha formação acadêmica e profissional.

Enfim, **a todas as pessoas** que não citei mas que de alguma forma foram fundamentais nessa longa caminhada e que tore pelo meu sucesso. Meu muito obrigada a todos.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
-----------------------------	----

CAPITULO I

OLHARES HISTÓRICOS A RESPEITO DAS CRIANÇAS INDÍGENAS NO BRASIL.....	16
---	----

1. AS CRIANÇAS INDÍGENAS COMO SUJEITOS HISTÓRICOS.....	17
2. OLHARES HISTÓRICOS A RESPEITO CRIANÇA INDÍGENA.....	21

CAPITULO II

A VISIBILIDADE DA CRIANÇA INDÍGENA NA ALDEIA ANAMBÉ.....	24
--	----

1. COMO E ONDE VIVEM AS CRIANÇAS INDÍGENAS ANAMBÉ.....	26
2. A CRIANÇA INDÍGENA ANAMBÉ.....	30
3. AS PRÁTICAS SOCIAIS DOS MIRIRÚS: E O ESPAÇO FAMILIAR.....	35
4. AS MIRIRÛS E PRÁTICAS CULTURAIS: E OS SABERES INDÍGENAS ANAMBÉ.....	45
5. OS CURUMINS E A ESCOLA AIPÃ ANAMBÉ.....	48

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
---------------------------	----

FONTES DE PESQUISA.....	55
-------------------------	----

BIBLIOGRAFIA.....	57
-------------------	----

RESUMO

O presente trabalho *Olha a Mirirũ: A Criança Indígena em Práticas Sociais e Culturais na Aldeia Indígena Anambé (Moju Região Do Tocantins- Pará)*, tem como objetivo analisar a visibilidade da infância na Aldeia indígena Anambé, Município de Moju, Região do Tocantins – Pará, na perspectiva de compreender o lugar ocupado pelas crianças indígenas em diferentes contextos sociais e culturais do povo Anambé. Metodologicamente, primeiro se realizou um extenso levantamento bibliográfico de autores como: (CORSARO, 1997), (LOPES, 2002), (TEIXEIRA, 2012), (KRAMER, 2003), (MELCHIOR, 2008), (COHN, 2000), (SILVA, 2013), que contribuíram para o maior entendimento em torno das questões das crianças indígenas. Posteriormente, através da pesquisa de campo se realizou observação, entrevistas e conversas informais com crianças, pessoas mais velhas e demais moradores da aldeia Anambé. A pesquisa apontou que criança Anambé participar de todos as práticas sociais e culturais do povo Anambé, é livre dentro das imediações da reserva Anambé, no entanto não é obrigada a fazer o que não queira, ela aprende o sabe informal com a sua família que tem muito carinho e respeito por elas. Além disso, ela vai para a escola e aprende o saber formal com professores não indígena, e nessa mesma escola ela aprende os saberes do povo Anambé e todas as práticas culturais, principalmente a língua materna, que é repassada por um professor indígena. Da mesma forma, se observou que as brincadeiras fazem parte da vivencia delas, sendo que as crianças brincam o tempo que acharem necessário, tomam banho no rio a hora que sentem vontade, além de serem sempre são bem informadas de tudo o que acontece na aldeia.

PALAVRAS-CHAVE: História, Cultura, Crianças Indígenas

SUMMARY

This paper looks at Mirirũ: The Indigenous Child Social and Cultural Practices in Indian Village Anambé (Moju Do Tocantins Region Pará), aims to analyze the children's visibility in the indigenous village Anambé, city of Moju, Tocantins Region - Pará in order to understand the place occupied by indigenous children in different social and cultural contexts of Anambé people. Methodologically first it was conducted an extensive literature of authors such as: (CORSARO, 1997) (LOPES, 2002), (TEIXEIRA, 2012), (KRAMER, 2003) (MELCHIOR, 2008), (COHN, 2000) (SILVA, 2013), which contributed to greater understanding around the issues of indigenous children. Later, through field research was conducted observation, interviews and informal conversations with children, older people and other villagers Anambé. The survey found that child Anambé participate in all social and cultural practices of Anambé people, is free within the vicinity of Anambé reservation, however is not obliged to do what they do not want to, she learns the know informally with his family who has much love and respect for them. Also, she goes to school and learns the formal knowledge with non-indigenous teachers, and in the same school she learns the knowledge of Anambé people and all cultural practices, especially the mother tongue, which is transferred by an indigenous teacher. Similarly, it was observed that the games are part of the experiences of them, while the children play time they deem necessary, bathe in the river any time you feel like it, and always being are well informed of everything that happens in the village .

KEYWORDS: History, Culture, Indigenous Children

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As crianças estão, sempre, analisando o mundo dos adultos e em muitos momentos, também, elas participam de algumas ações. “Desde cedo a criança é envolvida em práticas culturais, passando elas a ter responsabilidade e coragem, frente aos desafios vindouros. Muitas contribuições podem ser obtidas ao aproximar-nos do “mundo” das crianças, respeitando e aceitando-as como sujeitos ativos e importantes na sociedade” (MELCHIOR, 2008).

Ainda segundo Marcelo do Nascimento Melchior é preciso buscar o outro lado do o universo infantil indígena, pois assim teremos a possibilidade de termos um olhar fundamentado da construção da identidade e diferenças que esse grupo possui, onde descobertas são obtidas a partir da visão que as próprias crianças possuem a respeito do mundo e da realidade que as cercam (MELCHIOR, 2008).

Conforme afirma Luciene Aparecida Pinto Costa Pereira, “os estudos atestam que as crianças nem sempre tiveram seus direitos contemplados e ainda hoje não os têm dentro da sociedade. Inúmeras atrocidades foram acometidas e são cometidas sobre elas, desde o abandono, a violência, os abusos sexuais, a fome e a exploração da sua mão-de-obra” (PEREIRA, 2008).

Partindo dessa perspectiva, estudar a criança Anambé é dar visibilidade a um sujeito pouco mencionado pelos estudos historiográficos anteriores.

É importante ressaltar, que o interesse por esta pesquisa surgiu em 2014, quando me tornei bolsista PIBIC/ INTERIOR, ligada a pesquisa *História, Educação e Saberes Tradicionais na Amazônia*,¹ coordenada pela Prof^ª. Dr^ª. Benedita Celeste de Moraes Pinto, para desenvolver as atividades do plano de trabalho *Olha o Curumim: o Papel da Criança Indígena em Práticas Sociais e Culturais da Aldeia Indígena Anambé, Município de Moju, Região do Tocantins – Pará*. Ressalto que de imediato me identifiquei com o referido tema, pois, ao longo da graduação tivemos várias disciplinas

¹ Esta pesquisa faz parte do Grupo de Pesquisa História, Educação e Linguagens na Amozônia, tendo como objetivo analisar as multiplicidades de saberes existentes entre as populações indígenas da região do Tocantins - norte da região Amazônica, das quais se destaca os Anambé, no município de Mojú, os Assurini da Reserva Trocará, no município de Tucuuruí e os Tembé (Aldeia Pitawa), no município de Tomé-Açu, visando conhecer desde a constituição histórica, tipos de educação, língua oficial, relações de gênero, questões culturais e religiosas de tais povos. Menciona-se que pesquisa em questão envolve em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão estudantes dos cursos de História, Letras, Pedagogia, Sistema de Informação e áreas afins do Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Da mesma forma, Integra também nas suas atividades de execução, tanto estudantes de escolas de ensino médio e fundamental dos municípios de Cametá, Moju, Mocajuba, Tucuuruí e Tomé-Açu, como alunos indígenas e professores das comunidades Assurini, Anambé e Tembé.

sobre a temática indígena, e era magnífico ouvir os professores, principalmente, a Prof^a Celeste Pinto, falar com paixão a respeito da história de um povo, que teve sua história deturpada, segregada, pelas historiografias eurocêntricas. Outro fator que contribuiu para minha identificação e paixão pelo tema foi a realização, juntamente com outros colegas de curso de História, de oficinas abordando a temática indígena em escolas de Ensino Fundamental do município de Cametá. Sem falar que o universo infantil indígena chama muito a minha atenção, pois, é pouco explorado no meio acadêmico, e porque sabemos pouco sobre esses sujeitos, que também foram e são agentes históricos.

A partir do que foi mencionado, decidi reformular os objetivos da proposta do plano de trabalho que realizei como bolsista e adaptei em uma proposta de pesquisa para utilizar neste trabalho de Conclusão de Curso (TCC), assim o presente estudo tem como objetivo, analisar a visibilidade da infância na Aldeia indígena Anambé, Município de Moju, Região do Tocantins – Pará (queira ver imagens 01 e 02), a partir dos reconhecimentos indenitários contidos nas políticas públicas voltadas para as populações indígenas, visando refletir sobre os fatores de socialização das crianças e da relação que o povo Anambé estabelece com o Estado na definição de políticas. A partir daí, foi feito um extenso levantamento bibliográfico. Procurei aprofundar meus estudos sobre o universo infantil, tentando entender como a criança vem sendo retratada ao longo da história.

Deste levantamento destaco CORSARO (1997), LOPES (2002), TEIXEIRA(2012), KRAMER (2003), MELCHIOR (2008), COHN (2000), SILVA (2013), dentre outros autores, que me ajudaram a compreender o universo infantil, além de fontes escritas e imagéticas que foram utilizadas. É importante ressaltar que a pesquisa oral foi imprescindível, pois a história oral por meio de entrevistas, as fala dos moradores da aldeia Anambé, foi de extrema importância para se conhecer o cotidiano no qual a criança vive, pois as fontes escritas sobre esta e as demais etnias indígenas da região do Tocantins ainda são muito escassas.

Como Aborda Paul Thompson, no livro “A Voz do Passado, História Oral” (1992), com o uso da entrevista é possível agora desenvolver uma história muito mais completa da família através dos últimos noventa anos, e estabelecer seus padrões e mudanças principais no correr do tempo, de lugar para lugar, durante o ciclo da vida e entre os sexos, pela primeira vez, torna-se viável a história da infância como um todo,

através da história oral é possível dar voz para aqueles sujeitos da sociedade que foram marginalizados no decorrer da história (THOMPSON, 1992).

Nesse sentido, ainda conforme Thompson, a história oral é uma história construída em torno de pessoas desfavorecida, e através dela é possível da voz não somente a heróis vindo de grandes líderes, mas admite heróis vindo do povo desconhecido, a história oral permite que o sujeito a princípio visto sem importância relate fatos que podem tornar uma história rica de informações, comovente e completa, através da oralidade (THOMPSON, 1992).

Dessa forma, na condição de bolsista a primeira pesquisa em lócus aconteceu no dia 05 de fevereiro de 2015, juntamente com outros membros do grupo de pesquisa, lembro-me que saímos de barco, às 12h30min, do dia 04 de fevereiro de 2015, da cidade de Cametá, chegando as 17h00, deste mesmo dia, na cidade de Mocajuba, onde pernoitamos, e na manhã do dia 5/2/2015 seguimos de motocicleta até as proximidades da vila Elim, as margens do Rio Cairari, o tempo gasto neste trajeto foi de 3h00. Deve-se mencionar que está viagem não foi nada fácil, pois foi feita em um dia de intensa chuva, que deixou a estrada de chão, do trajeto entre Mocajuba versus vila Elim, um verdadeiro lamaçal. Daí se prosseguiu viagem de barco até chegar à aldeia Anambé.

Ressalta-se, também, que além da distância e do difícil trajeto até a aldeia Anambé, ainda nos deparamos com o complicado processo de tramitação da documentação necessária de liberação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e da autorização do cacique desta aldeia para a entrada dos componentes do grupo de pesquisa na referida comunidade, pois só poderíamos entrar ali em companhia da prof^a Benedita Celeste de Moraes Pinto, coordenadora da pesquisa maior, a qual a minha proposta de pesquisa e de outros colegas estavam ligadas, ou então, em companhia da prof^a. Susana Braga, que também trabalha com pesquisa entre os Anambé desde 2014, a pessoa responsável pelos demais componentes do grupo de pesquisa na ausência da prof^a Celeste Pinto. Assim como, ainda há a dificuldade de comunicação com os moradores da aldeia Anambé, pois, lá já há telefone, mas o sinal das operadoras telefônicas é muito ruim. Contudo, essas dificuldades não representaram impedimento na pesquisa, pelo contrário, se tornaram meios de motivação para fortalecer ainda mais a vontade de aprimorar o conhecimento sobre o povo Anambé e principalmente sobre as crianças.

A segunda viagem ocorreu no dia 15 de janeiro de 2016, fizemos o mesmo trajeto da primeira vez, só que durou menos tempo para chegarmos, sendo uma hora e meia de viagem, pois a estrada estava em boas condições. Ao chegarmos nas margens do Rio Cairari fizemos a travessia deste em uma canoa dos próprios Anambé até a aldeia. Tão logo chegamos fomos direto a casa do cacique Raimundo Herum, que juntamente com sua esposa, dona Vanusa Anambé, nós receberam muito bem, permitindo que ficássemos três dias na aldeia. Daí em diante, além das conversas informais e realização de entrevistas com os adultos, também conversamos com as crianças, observando o dia a dia delas e participando de algumas de suas atividades.

Visto que ao longo da pesquisa sugeriram alguns questionamentos sobre a criança e de sua atuação em práticas sociais e culturais na aldeia indígena Anambé, em torno das seguintes perguntas: - Como a visibilidade da criança indígena vem sendo construída na aldeia Anambé, Município de Moju? - Qual o lugar ocupado pelas crianças em diferentes contextos sociais do povo indígena Anambé? - Quais práticas sociais e culturais são estabelecidas com as crianças e qual a participação delas nos espaços coletivos e quais relações são estabelecidas com elas nos espaços familiares e nos espaços educativos institucionalizados?

Na aldeia Anambé se observou o papel da criança indígena e a sua atuação em práticas sociais e culturais na aldeia, e que a sua visibilidade vêm sendo construída por um processo de integração, de modo que ela sente-se livre ao passar pela fase do ser criança. Mas com responsabilidade de acordo com sua idade, e que a criança indígena ocupa um lugar privilegiado dentro da comunidade pelo fato de se um ser abençoado e na sua fase de criança é um pessoa livre para brincar e não é controlando por muitas regras. Além disso, se observou que as crianças indígenas participam ativamente dos afazeres, tanto social como cultural dentro da aldeia e que passam pelo processo de alfabetização dentro do seio familiar, aprendendo com seus pais e com as pessoas sábias (como chamam os mais velhos) da comunidade a língua tradicional e as demais práticas culturais e costumes dos seus. E que além dessa educação dentro do espaço da família vai para escola formal para aprender ler e escrever com professor indígena e professores não indígenas, a partir de todo esse processo elas constroem a sua própria identidade.

Desta forma, o presente trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro Capítulo, **Olhares Históricos a Respeito das Crianças Indígenas no Brasil**, faz uma abordagem sobre o processo histórico da crianças indígenas como sujeitos históricos e

como estas foram ganhado o seu lugar na historia ao longo do séculos. Reconhecendo assim que a criança indígena é um ser ativo na sociedade e que merece ter sua história contada.

O segundo capítulo, **A Visibilidade da Criança Indígena na Aldeia Anambé**, expõem o resultado da pesquisa realizada na aldeia indígena Anambé, tratando também do modo de vida desse povo. Da mesma, forma analisa o lugar da criança em diferentes práticas sociais e culturais, destacando o a sua participação em cada uma dessas práticas, além de destacar a relação da família, o papel da escola como instituição que ajuda na valorização da cultural do povo Anambé.

A pesquisa apontou que criança Anambé participa de todas as práticas sociais e culturais do povo Anambé, sendo livre dentro das imediações da reserva Anambé. Portanto, ela não é obrigada a fazer o que não queira, aprende os saberes tradicionais com a sua família, que tem muito carinho e respeito por elas. Da mesma forma, a criança Anambé vai para a escola formal para aprender ler e escrever com professor indígena e professores não indígenas, e no espaço da escola formal, também, aprende os saberes, as práticas culturais, principalmente, a língua materna que é ensinada por um professor indígena, assim como as brincadeiras fazem parte da vivencia delas. Se observou que as crianças brincam quando querem e o tempo que acham necessário, tomam banho e brincam nas águas do Rio Cairari a hora que sentem vontade, além de serem bem informadas de tudo o que acontece na aldeia.

CAPÍTULO I

OLHARES HISTÓRICOS A RESPEITO DAS CRIANÇAS INDÍGENAS NO BRASIL

1. AS CRIANÇAS INDÍGENAS COMO SUJEITOS HISTÓRICOS

Sabe-se que as crianças, assim como suas famílias, trazem consigo uma bagagem cultural que as diferenciam da realidade para onde se mudam. Nesse sentido, essas crianças conseguem incorporar em seu repertório muitos elementos culturais das pessoas e do meio aonde vão sendo inseridas, e como as mesmas podem contribuir na formação de criança e jovens (RODRIGUES, 2009).

No Brasil, durante o período da colonização, o universo lúdico foi revelado por meio de crônicas e gravuras, que descreviam as formas de viver de lusitanos, novos brasileiros, índios e escravos, estes últimos vistos por aqueles como revelando atitudes bastante curiosas e exóticas. A imagem da criança foi desvelada por pesquisadores que passaram a se preocupar com esta questão, identificando o papel da criança na sociedade brasileira nos seus mais variados contextos, seja na aldeia, no engenho ou na casa grande (TEIXEIRA, 2012). Teixeira afirma que de “acordo com os relatos dos jesuítas, o contato com a criança indígena foi mais fácil através do processo de catequese. Naquele momento ocorriam as trocas e os acréscimos de traços culturais das culturas envolvidas no processo, pois a catequese objetiva uma transformação do indivíduo na sua condição de índio, passando a se comportar como um homem europeizado, considerado como o índio converso” (TEIXEIRA, 2012).

Neste sentido, a figura do curumim foi imprescindível para o conhecimento de hábitos e costumes do indígena brasileiro, deixando este, em nossa cultura, vários elementos incorporados como o conhecimento da língua, os vários tipos de medos e abusões, diversos jogos e danças recreativas ainda hoje praticadas no Brasil (TEIXEIRA, 2012).

As referências que temos hoje sobre as crianças e principalmente as indígenas são frutos dos rompimentos de estereótipos sobre o universo infantil, pois antes não se direcionava muita atenção ao mesmo, e muitas vezes por ser inovador e não terem muita relevância estudos que abarque o contexto da criança são deixados de lado (MELCHIOR, 2008). Segundo ainda Melchior:

Conviver com a diferença, ainda é algo complexo, até mesmo para aqueles que, na teoria, falam da diferença, porém, em decorrência de relações de poder acabam marginalizados aqueles que são diferentes. Escrever sobre o tema é uma forma de contribuir com discussões ainda hoje pouco

trabalhadas, ou melhor, pouco aceitas no ambiente escolar brasileiro. Configura-se como um modo de valorizar as relações sociais não aceitas pela ordem hierárquica estabelecida (MELCHIOR, 2008, p.12)

Segundo Lopes (2002) os estudos que nos remetem a descobrir o universo simbólico e referencial das crianças ainda são muito poucos. Pesquisas e trabalhos que exploram esse contexto começaram a ter certa relevância, aproximadamente na década de setenta, quando alguns antropólogos buscaram encontrar respostas a partir de uma antropologia voltada para a criança: “as crianças constituem um grupo social que pode e deve ser estudado especificamente” (LOPES, 2002, p.13).

Conforme afirma Barros, “os primeiros estudos sobre as crianças nas sociedades indígenas brasileiras, se deram com os índios Tupinambá, dos séculos XVI e XVII, os quais apresentaram as seguintes características relacionadas a condução do seu modo de vida: era considerada uma sociedade tradicional, profundamente primitiva e comunitária. Desenvolvia ações repetitivas em sua rotina, de forma coletiva, natural e de subsistência. O aprendizado das crianças acontecia num ambiente livre, articulado com as condições de vida, sem um espaço específico para o aprendizado de técnicas de sobrevivência, tudo se dando de maneira espontânea, mas sendo 94 acompanhado de perto pelos mais velhos, sendo que a sua participação social se dava por intermédio da imitação aos mais velhos. O que importava era educar as crianças de maneira contínua e participativa com o intuito de assegurar o mesmo direito aos variados modos de vida na tribo” (FERNANDES,1989; COHN, 2005 apud, BARROS, pg. 92, 2012).

A história da infância no Brasil não apresenta contribuições diferentes ao estudo da infância no mundo. Ainda, “a história da infância no Brasil do século XIX é dificultada pela escassez de estudos de demografia histórica” (FREITAS, 1997). Outro ponto importante na história das crianças e que por muito tempo muitas crianças eram abandonadas pelas suas famílias, e para exemplificar isso, Freitas menciona um quadro que ocorria chamado à roda dos enjeitados, roda colocada nas portas de irmandades religiosas onde era possível entregar uma criança preste a ser abandonada sem que houvesse contato entre entregador e recebedor. Eram os chamados “expostos”. Destas instituições eram encaminhados para adoção ou criadas pelos conventos. A prática de criar filhos alheios sempre foi bastante difundida e aceita no Brasil, particularmente entre a população pobre, pois “a herança sempre foi um nó para a aceitação dos expostos” (FREITAS, 1977)

Angela Maria Nunes Machado Pereira na sua tese de doutoramento intitulada “*Brincando de Ser Criança*” *contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da infância* (2003), afirma que no Brasil, durante a década do século XX os cientistas sociais, retornaram a sua atenção para as crianças, mas essa atenção foi para o enorme contingente de crianças pobres, devido à extrema e dramática situação de exclusão social em que estas se encontram, houve até o surgimento de movimentos sociais em defesa da criança e o envolvimento da comunidade acadêmica que participaram com o seu trabalho científico conjugado em alguns casos, a ações militantes, e as crianças indígenas não entram nesse contexto de estudos, por estarem distantes dos grandes centros urbanos onde proliferava a infância pobre com o qual crianças indígenas geralmente não são identificadas, estas têm ficado de fora das investigações ou devido a forma exóticas que eram representadas e aos olhos desses pesquisadores não representavam um problema, e as primeiras referências sobre a infância indígena são meras descrições e estão dispersas em obras de viajantes, aventureiros e outros que passaram pelo Brasil, mas que podem ser usada como fonte (NUNES, 2003).

O estudo sobre a criança² e a infância³, segundo Nunes (2003), pode nos fazer enxergar a criança em novo ângulo (não aquele marcado por nossa visão ocidental do que é certo ou errado), mas pelo simples fato delas terem muito a nos dizer e também muito a nos ensinar, principalmente, no que tange às várias maneiras concebem à infância (NUNES, 2003).

Estudar a história da infância nos permite entender não apenas as diversas relações construídas em torno da noção de infância como também compreender os vários desafios impostos pela modernidade ao tratamento da infância, tanto no âmbito epistemológico quanto educacional, social, político (ARAÚJO, 2014, p. 57).

Na concepção de Melchior a criança, quando analisada em suas complexidades, poderá contribuir para respostas a fatores condicionantes que o indivíduo, quando adulto, vivencia. A criança é um ser produtor de cultura e isso é uma

² As crianças são agentes sociais ativos que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas. ² A infância é o período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas – é uma forma estrutural. Quando nos referimos a infância como uma forma estrutural queremos dizer que é uma categoria ou uma parte da sociedade, como classes sociais e grupos de idade (CORSARO, 2011, p. 15).

característica de sua condição social, na qual estão envolvidos fatores que perpassarão sua construção de identidade (MELCHIOR, 2008, P. 15).

Para Melchior a criança ocupa um espaço fundamental dentro das sociedades. Hoje as pesquisas preocupam-se com alguns questionamentos que são importantes para uma melhor compreensão desse grupo, principalmente no que se refere aos dados culturais que cada criança possui (MELCHIOR, 2008, P. 36).

A partir das diversas reflexões sobre as concepções de infância e criança surge uma preocupação cada vez, mas ampla e sistemática com o estudo da criança. A partir da compreensão de seu desenvolvimento e formas de aprender é que se começa a pensar na criança não mais com um ser em desenvolvimento “papel em branco” ou “tabula rasa” que precisa ser formado e socializado para ser inserido na sociedade, mas como um sujeito sócio, histórico e cultural (ARAÚJO, 2014, p. 68).

Para além do que foi mencionado, Melchior destaca que compreender o universo infantil indígena nos possibilita um olhar fundamentado a partir da identidade e diferença desse grupo etário, onde descobertas são obtidas a partir da visão que as próprias crianças possuem a respeito do mundo e da realidade que os cercam (MELCHIOR, 2008, p. 15).

Com diz Sobrinho, “ nada mais rico do que aprender com elas a olhar o mundo. Nada mais fascinante do que caminhar pelos seus imaginários. Nada mais instigante do que ter a possibilidade de chegar a um destino onde o caminho não está dado, precisa ser construído num processo constante de interações. Aos que se encorajarem nessa “aventura”, o caminho é sem volta, felizmente, pois ao escutarmos o que elas têm a nos dizer, jamais seremos os mesmos” (SOBRINHO, 2014, p. 17).

Contudo, as “crianças produzem uma série de culturas de pares locais que se transformam em parte, e contribuem para culturas mais amplas de outras crianças e adultos dentro das quais eles estão inseridos”, as quais se destacam “como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores ou preocupações que crianças produzem e compartilham em interação com pares” (CORSARO, 1997; p. 95).

Na concepção de Kramer, crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não se resume em ser alguém que não é, mas, que se tornará adulto, no dia em que deixar de ser criança. As crianças produzem sua cultura e são produzidas na cultura em que se insere em seu espaço, de seu tempo, dão sentido ao mundo e produzem história (KRAMER, 2003, p.16).

Os indígenas já possuem um vasto acervo historiográfico no cenário atual, onde se tem dando mais visibilidade para esses sujeitos, contudo as crianças tanto a indígena como a não indígena não tem merecido destaque relevantes nessas produções acadêmicas (SOBRINHO, 2014).

Observando as falas anteriores concordamos com os autores, pois a criança está saindo dos bastidores e entrando para a história como um ser capaz de formular sua própria dinâmica social, cultural, isso em seu próprio tempo em um determinado espaço e vale ressaltar que as crianças indígenas já estão fazendo parte desse processo.

2. OLHARES HISTÓRICOS A RESPEITO DA CRIANÇA INDÍGENA

Na concepção de Clarice Cohn (2000) em cada sociedade a infância é pensada e entendida a um modo que é próprio de cada povo, ou seja, cada sujeito de uma dada comunidade terá um olhar para o universo infantil de acordo com a sua cultura e costumes (COHN, 2000).

E os estudos de Clarice Conh entre o povo Xikrin do Bacajá mencionam que a criança indígena tem as suas liberdades dentro da comunidade e como ela destaca:

“A aldeia e seus arredores são sempre densamente povoados por crianças, que só se silenciam quando já estão dormindo, e apenas um ou outro choro pode ser ouvido nas casas. Na realidade, seus dias podem ser sempre diferentes: em um, acompanha a mãe à roça; em outro, fica em casa, na companhia das crianças; em outro ainda, pode acompanhar o pai em uma pescaria; e, se já for grande o suficiente, pode um dia fazer seu próprio programa, e sai com outras crianças pelos caminhos e capoeiras que rodeiam a aldeia, ou pelo rio, nas pedras ou, com uma canoa, pelas proximidades” (CONH, 2000 p. 63).

Para Clarice Cohn o cotidiano das crianças da etnia, Xikrin ficou claro, visto que elas participam dos diferentes aspectos da vida social desse povo, e que muito pouco é proibido a elas: “elas não caçam, não andam- sozinhas- longas distâncias, não constituem família, não abraçam as responsabilidades dos adultos, não participam da política e das decisões que concernem o coletivo” (CONH, 2000, p. 174). Conforme destaca essa mesma autora o conhecimento e vivência das crianças Xikrin não é, portanto, uma miniatura, ou mera reprodução do universo dos adultos, é bem diferente

deles. E é a partir dessa diferença que elas destacam as suas próprias ações sem que as confundam com a dos adultos, no entanto em algumas situações pode parecer que é de fato uma repetição do mundo adulto, mas na verdade, “o que as crianças estão fazendo não é uma imitação do mundo adulto, mas uma constituição ativa de relações sociais que as acompanharão por toda a vida” (COHN, 2000, p.174).

Marcelo Melchior comunga da ideia de Clarice Cohn, pois em seu estudo realizado na etnia Xavante ele observou que, “o conhecimento da criança xavante é composto por formulações que a mesma elabora e processa, a partir do mundo no qual vive. Suas ações são manifestas em ações particulares e pequenas. São parte de um conjunto, que aos poucos, vai se integrando com o todo, até que compreenda a organização da aldeia, da forma que compreendem os adultos” (MELCHIOR, 2008, p. 65).

Segundo Melchior (2008):

“Temos um longo caminho para percorrer no que diz respeito ao trabalho de pesquisas com crianças indígenas. As crianças são atores sociais porque fazem um processo de interação, com elas mesmas, com o núcleo familiar, com as instituições e, nesse processo, desenvolvem metodologias próprias. Precisamos construir e aprimorar nossas metodologias de trabalho com essa realidade, que nos permitam chegar efetivamente ao mundo infantil e conhecer esses atores sociais em seu mundo e seus referenciais” (MELCHIOR, 2008, p. 68).

Ainda conforme Melchior as crianças Xavante são atores capazes de criar e modificar a sua cultura. Embora, estando inseridas e fazendo parte do mundo dos adultos, elas também contribuem para o processo de interação social (MELCHIOR, 2008, p. 38). E sobre a interação da criança com o mundo adulto Melchior (2008) diz que:

Vale a pena ressaltar que a criança xavante vive também em seu ‘mundo’, e que algumas dessas ações são particulares a essa fase, não sofrendo, diretamente, interferências dos adultos. Tendo como exemplo as brincadeiras, que acontecem de um modo espontâneo, não necessitando que o adulto determine quando deverão ocorrer, estipulando tempo e regras, cada um brinca de acordo com a vontade e espontaneidade. Isso é um fator extremamente importante, que difere de acordo como o comportamento das crianças indígenas xavante, assim como da grande maioria das crianças não índias. Pois, as não índias constantemente estão sendo “vigiadas” pelos adultos, passam por regras e limitações, não tendo muita liberdade. As próprias crianças xavante afirmam ser livres dentro da aldeia, sendo que isso é um fator cultural importante no grupo, valorizado pelos anciãos (MELCHIOR, 2008, p. 37)

Outro trabalho que buscou ver o mundo da criança indígena é de Mirian Martins Alvares em relação os Maxakali ela diz que as crianças pequenas Maxakali tem a liberdade de circular pelas casas da aldeia, e tem a função de mensageiras entre os diversos grupos familiares levado recados, objetos, notícias e acontecimentos, “possuem também a liberdade de participarem das refeições em outras casas, além das suas próprias. Mas em contrapartida, devem dividir os alimentos que recebem com as outras crianças. Lição de sociabilidade que se aprende desde muito cedo – o consumo partilhado dos alimentos com seus iguais” (ALVARES, 2004).

Essas colocações são para que possamos entender como a criança indígena é vista em outras etnias para que possamos entender como vem sendo construída a visibilidade da criança na aldeia Anambé, e essa visibilidade será apresentada no capítulo seguinte desse trabalho.

CAPITULO II

A VISIBILIDADE DA CRIANÇA INDÍGENA NA ALDEIA ANAMBÉ



Imagem 01: Mapa de localização Município de Moju, Pará. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moju>

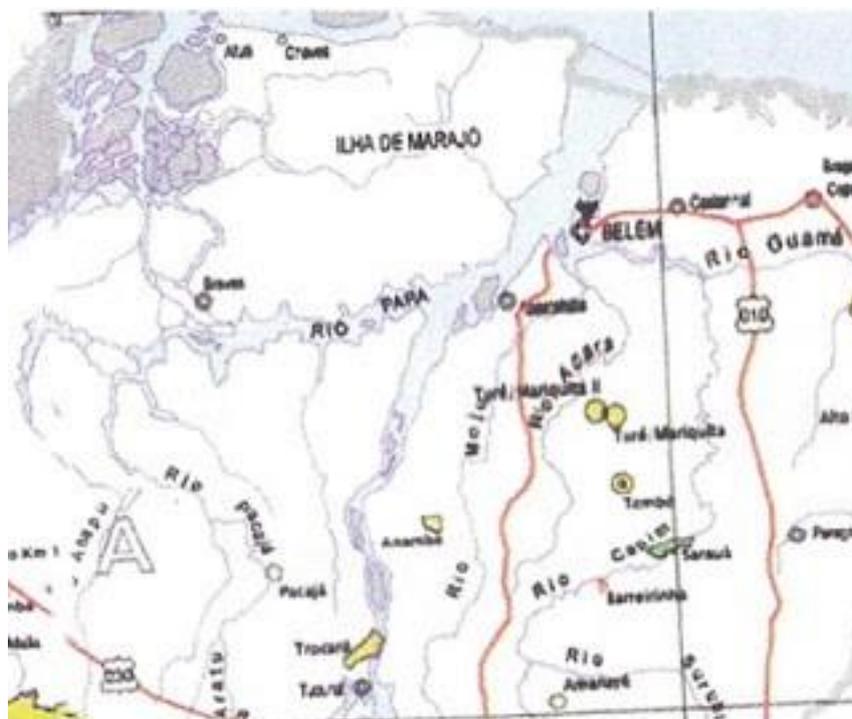


Imagem 02: Mapa da Terra indígena Anambé. Fonte. <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/anambe/47>

1. COMO E ONDE VIVEM AS CRIANÇAS INDÍGENAS ANAMBÉ

O povo Anambé habita uma ampla área geográfica localizada no rio Cairari, afluente do rio Moju situada na região do Pará (queira ver imagem 01). Atualmente a totalidade da população que ocupa essa área demarcada como reserva indígena é de cerca de 187 habitantes divididos entre homens, mulheres e crianças. No contexto da distribuição território os mesmos espalham-se por toda reserva da aldeia, que correspondem a 8.523 hectares (queira ver imagem 02 e 03). Além disso a localização da aldeia não era aonde está atualmente, Maria Valdeniza Pantoja Anambé, moradora e funcionária do posto de saúde na aldeia nos relatou que os indígenas:

“Andava ainda em mato né, na década de 70, percorriam muito o alto Moju, aí depois foram para ir subido para cima, nesse rio mesmo, eles tiveram muita dificuldade né, com saúde que na época deu muito sarampo e foram morrendo muito índios e foi que eles vieram descendo nesse rio, e ainda fundaram uma aldeia lá do outro lado do rio, um lugar que se chama Procópio onde era a antiga aldeia, começou lá, daí, foi que eles mudaram pra essa margem do rio, onde tá agora localizada essa aldeia né, e aqui ficaram aí foram mantendo contato como os brancos e foram já tendo civilização entre eles, aí depois os velhos foram morrendo, morrendo, os velhos mesmo que sabia a história, daí meu avô eu lembro faz doze anos que ele morreu ele era índio mesmo que ainda fez esse percurso, correndo e andando no mato, aí ele contava a história deles e era uma dificuldade muito grande que não tinha paradeiro, não tinha lugar certo para viver, eles viviam assim, aqui foi o único lugar que foram assentado e fundaram essa aldeia e depois foram morrendo eles né, que ainda viveram e aí foi nascendo outros, outra geração, aí que tá hoje na quantidade que são 187 índios e aqui estamos ainda até hoje lutando, não é fácil a nossa vivência assim, é tranquilo porque a gente já é acostumado já!”(Maria Valdeniza Anambé, 39 anos, moradora da comunidade Anambé)

Vale ressaltar que conforme pesquisas anteriores a localização da aldeia nos dias atuais provem também de uma disputa territorial com outras etnias indígenas chamada Tembé Gavião no rio Acará. Com essa disputa por território, os Anambé tiveram a necessidade de fugir do local de origem para não serem dizimados, ou subjugados pelos rivais Tembé (SILVA, 2013). Esse também foi um dos fatores que

contribuiu para a sua localização nos dias atuais. E, Silva ainda destaca que “os estudos referentes a esses indígenas destacam a aproximação entre as comunidades Tembé, Gavião e Anambé, localizada no rio Acará, para a formação da atual aldeia Anambé, com características diversificadas, que vão desde a cultura, religião, política e estrutura social. Visto que este núcleo populacional indígena, que se estabeleceu através de conflitos e encontros étnicos. É possível dizer que a aldeia Anambé atual se constitui de culturas diferenciadas, fruto de miscigenação, e que os Anambé usaram a natureza das guerras de comunicação étnica para sobreviver até os dias atuais” (SILVA, 2013).



Imagem 03: Desenho da Aldeia indígena Anambé feito pelas crianças Anambé. Fonte: Arquivos da Escola Aipã Anambé.

Dessa Forma, a aldeia tem uma extensa área de terras formada por florestas, rios e plantas algumas plantadas pelos habitantes, além disso a moradia deles é em casas de madeiras que fica próximas umas das outras. No entanto, algumas fica bem distantes e são de difícil acesso. No que concerne a conquistas matérias, os Anambé contam como um posto de saúde, uma escola e barcos motorizado ou lanchas que utilizam para o

transporte, conseguiram também água encanada e energia elétrica, que pagam taxas pelo fornecimento desta. Segundo relata uma moradora a escola, o posto e o fornecimento de energia elétrica, todas foram conquistas conseguida através de muita luta do povo Anambé,

“o primeiro colégio aí né! Foi pela FUNAI funcionava aí, era uma casinha de madeira aí os professores eram contratados pela FUNAI, aí depois foi por município né, aí a gente tinha dificuldade, muita dificuldade para estudar, porque não tinha escola, aí quando foi por município, aí o programa raízes que fez esse colégio grande que tem aqui de alvenaria! Ai tinha professor do estado né! Que vinha pra cá, pra dá aula, aí depois foi por município mesmo, daí o município veio fez esse outro colégio aí, os professores ficou pela responsabilidade deles do município né, aí posto de saúde a gente não tinha ficava atendendo e guardando as coisas aqui pelas casas, ficou mais de 18 anos assim, sei que a FUNASA entrou, essas coisas de órgão federal é complicado, tem que fazer licitação de empresa e a empresa que ganhar a licitação que vai fazer, aí foi que vieram para construir esse posto, ixi esse posto levou anos pra se construído, ele foi fundado em 2004, abril de 2004, aí ficou 2004, 2005, 2006 em 2007 que foi terminado, agora a gente luta por uma reforma, que desde quando ele foi construído nunca foi reformado, o telhado dele tá estragado né! A escola de novo tá abandonada a gente já foi em Moju falar com o prefeito, levamos um documento lá ele falou que vinha, vamos ver né, disque agora eles vão reforma a gente foi lá, disque vão reforma esse ano tomara que tá abandonado esse colégio. Tem mais a gente já sofreu por essa energia foram 13 anos pra consegui essa energia, mete documento pra cá e vai pra ali, não é pra cá tem que ir pra lá, no ano passado, fez um ano agora, foi dia 17 de dezembro de 2015 foi entregue essa energia, muita lutar mesmo a gente comia só salgado, pegava a caça tinha que salgar era muito ruim, para os idosos e crianças, foi uma melhoria mesmo essa energia aqui pra gente, mais na parte da alimentação né!” (Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos, moradora da aldeia)

Vale ressaltar que no que diz respeito ao posto de saúde, este conta como: um dentista, um enfermeiro, duas técnicas de enfermagem e um médico cubano do programa mais médico que realizam o atendimento esporadicamente do povo Anambé, e eles realizam visitas nas casas, quando necessário nessas visitas eles realizam atendimentos.

Para além de localização e estrutura da aldeia e conquistas materiais, os Anambé são falantes da língua portuguesa, língua que mantém a relações entre os indígenas e não indígenas facilitando assim as relações comerciais fora da reserva. Os Anambé falavam a linguagem proveniente do troco linguístico Tupi, no entanto atualmente só os mais velhos falam com fluência a língua indígena Anambé, sendo que percebemos que essa língua já vem sendo aprendida pelas crianças, e sobre essa questão apresentaremos mas detalhadamente no decorrer do trabalho. Além disso, os Anambé mantêm um

intenso contato com as populações não indígenas nas cidades vizinhas da aldeia e devido a isso vem ocorrendo muitos casamentos entre indígenas e não indígenas.

Para, além disso, observamos que o cotidiano da aldeia Anambé, assim como também destacam os relatos dos moradores é da seguinte forma:

“Nossa vida aqui o dia-a-dia é trabalho, a gente trabalhar muito em roça, e estuda né! É cada dia a gente vivi da maneira que a gente pode né! Trabalhando, estudando e brincando e ensinando nossos filhos da maneira que devemos viver” (Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos, moradora da aldeia Anambé).

O povo observamos, da agricultura aonde plantam muitas roças onde plantam mandioca e dela fazem a farinha de mandioca para consumo e o excedente vendem na cidade de Mocajuba ou na Vila Elim, que fica próxima da reserva, ou então fazem a troca de farinha com alimentos com um barqueiro que faz a venda de mantimentos aos domingos na comunidade Anambé. A base da alimentação deste povo ainda vem do produto das caçadas, adoram caças, e da pesca. No entanto, podemos perceber os hábitos alimentares são muito semelhantes aos dados não indígenas que vivem nos arredores de suas terras, como relata um morador:

“A caça tá muito escassa, peixe também, mais ainda tem, mas é muito pouco a gente comi mas comida que vem da cidade mesmo, carne, frango, que aqui mesmo tá muito escasso” (Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos, moradora da aldeia).

Vale ressaltar também que a caça está desaparecendo devido a invasão de madeireiros na reserva como destaca um morador:

“É uma guerra aqui com madeireiro, são atentados tão acabado com a reserva, rouba madeira vai levando é uma luta muito grande aqui nossa como eles” (Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos, moradora da aldeia Anambé).

Além disso, eles fazem a criação de animais como: pato, galinhas que servem como alimentação. E muitas pessoas da aldeia sobrevivem também com a ajuda de subsídios do governo, como o programa do bolsa família, por exemplo, que ajuda na sua sobrevivência.

Observamos que na aldeia Anambé também há um campo de futebol, onde os jovens, homens, mulheres e crianças jogam bola todas as tardes, que é uma forma de

lazer dessa aldeia. E devido a morte do único pajé da Aldeia, nos anos 2000, alguns Anambé começaram a receber influência da igreja Católica da Cidade de Mocajuba, onde passaram a batizar os filhos e se fazer presentes nas festividades de Nossa Senhora da Conceição, padroeira desta Cidade. Outros passaram a ter contatos regulares como adeptos de igrejas evangélicas vizinhas, principalmente, os pentecostais da Vila Elim, os quais converteram vários Anambé e realizam cultos regularmente nesta aldeia. (SILVA, 2013).

E é neste contexto que vivem as crianças Anambé, aprendendo e vivenciando desde cedo as regras de sociabilidade de suas famílias, com as quais aprendem todos os aspectos sociais e culturais do povo Anambé, além de estabelecerem contatos com não indígenas e com os meios de comunicação proveniente destes, como é o caso das programações televisivas que assistem na aldeia. Segundo alguns Anambé mais velhos muitos programas que passam na televisão causam mudança no comportamento de crianças, adolescentes e jovens, que deixam de fazer o que tem para fazer, como por exemplo, brincar e conversar entre eles para ficar assistindo televisão.

Da mesma forma, os pastores das Igrejas Evangélicas que entram na aldeia, também, trazem transformações para a cultura deste povo. Pois durante os cultos evangélicos os fieis devem se vestir conforme o pastor responsável pela igreja recomenda, quando homens devem vestir calças compridas e se manter de sapatos. Enquanto as mulheres usam saias e blusas com mangas ou vestidos compridos. Sem falar das restrições de não se pintarem corporalmente ou usarem algum tipo de adorno ou enfeite, como, brincos e colares. Mas muitos desses indígenas resistem, pois assistem as pregações do pastor usando pinturas corporais, brincos e colares feitos de penas e sementes, símbolos demarcadores de seus traços culturais e identidades.

2 A CRIANÇA INDÍGENA ANAMBÉ

A criança ocupa um espaço fundamental dentro das sociedades. Hoje as pesquisas preocupam-se com alguns questionamentos que são importantes para um melhor compreensão desse grupo, principalmente no que se refere aos dados culturais que cada criança possui (MELCHIOR, 2008)

Essa afirmação sobre a sobre o universo infantil e para introduzir a contextualização que faremos sobre a criança indígena na comunidade Anambé, abordando assim o seu cotidiano na aldeia. Sendo assim podemos afirmar que a aldeia indígena Anambé possui um número bastante considerável de crianças, com variação de idade, e menciono que cada família possui em torno de cinco crianças em casa, e as mesmas só deixam de ser consideradas crianças quando perdem o interesse pelas brincadeiras e brinquedos realizados no decorrer da infância, ou quando começam a namorar, sendo que na categoria de criança elas participam ativamente de todos os acontecimentos da aldeia não sendo excluídas de nenhum dos momentos vivenciados pelo povo Anambé. Como aborda Clarice Cohn ao falar das crianças Xikrin que:

As crianças... são excluídas de poquíssimos acontecimentos que importam no cotidiano e nos rituais dessa sociedade. Seu cuidado toma a maior parte do tempo dos adultos; sua saúde, desenvolvimento, andanças e novos aprendizados são parte importante das conversas cotidianas, especialmente das mulheres. A elas, pouco é proibido. (COHN, 2000, pg, 62)

Vale ressaltar que não obtivemos a informação da existência de rituais de passagem da infância para a vida adulta entre os Anambé. Mas se observou que a criança é muito importante para os Anambé, pois além de ser um ser abençoado, a criança é a esperança desse povo de se perpetuar por muitas gerações. E na ocasião da pesquisa em campo foi possível observar que os curumins ou mirirũs⁴ são bastantes solidários uns como os outros, a criança de mais idade cuida da menor, e sempre há interação entre todas as crianças da aldeia, há também o compartilhamento dos bens materiais entre essas crianças. Durante essa visita foram realizadas atividades com as crianças, que se concretizou no nosso primeiro contato com elas. A imagem a seguir expressa um dos momentos de interação e socialização entre pesquisadora e as crianças.

⁴ Curumim ou mirirũ significa criança na língua indígena Anambé.



Imagem 4: Crianças Anambé, moradores da comunidade Anambé, estavam brincando e cantando. Fonte: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2014.

Dessa forma, as crianças também se reúnem para cantar, as músicas tradicionais indígenas, mas, no entanto é visível o gosto delas pelos hinos evangélicos, pois há a presença de uma igreja na comunidade, sendo que quando esta igreja chegou na aldeia em torno de 70 indígenas se converteram, atualmente são apenas uns 15 evangélicos, ou seja, os outros se afastaram da igreja, devido não está tendo cultos. E estes cultos rarearam porque o pastor passou a exercer função de motorista do ônibus que faz linha de Mocajuba até as proximidades da aldeia. Assim devido a ausência temporária do

pastor, muitos Anambé deixaram a igreja evangélica, mas antes houveram várias transformações nas crenças religiosas dos Anambé, principalmente, das mirirûs (crianças), que foram treinadas durante os cultos evangélico para falar de Deus, de Jesus e a cantar os hinos evangélicos, que por sinal elas gostam muito, porém os hinos evangélicos que cantam tiveram suas letras traduzidas para a língua Anambé. Aliás na imagem 04 se observa crianças cantando hinos evangélicos e as músicas tradicionais do seu povo. No que concerne as práticas culturais, como a pintura corporal e o artesanato, segundo relatos de moradores, a igreja na sua chegada na aldeia queria impor interferências, mas as lideranças indígenas da aldeia fizeram reunião com os representantes da igreja e colocaram o seu ponto de vista, conforme a fala de Maria Valdeniza Pantoja Anambé:

“No começo ela queria fazer interferência né! Mas depois a gente se reuniu e conversou que não pode né! E que foi que eles não acharam ruim, nem maldade nisso, porque é a nossa cultura, então a gente nasceu assim e é difícil mudar, e tudo bem ninguém proíbe ninguém visita, se for pra ter evangelização que venha, mas a nossa cultura tem que se diferenciada né! Porque crescemos com isso e assim a gente quer respeito” (Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos, moradora da aldeia).

Dessa forma, a fala de Valdeniza Anambé deixa evidente que os Anambé resistem as transformações e tentam preservar o seu modo de vida, a sua cultura. Contudo, não se pode negar que com a ausência do pajé, a aproximação e contato com os não indígenas e com a interferência de outros credos religiosos, as crenças e muitos rituais desses indígenas foram deixados de lado. E sem a sua principal liderança, que é o pajé, os Anambé procuraram outras divindades religiosas para suprir a falta da liderança espiritual representada pelo pajé. Quando eram perguntados se ainda realizam algum ritual, responderam que devido a morte de Aipã Anambé, o antigo pajé, ocorreram desinteresses de muitos indígenas pelos rituais de pajelança. Contudo, dizem que ainda não perderam a esperança de ter outro pajé. Pois, através do pajé seria mais fácil reconstituir antigos rituais, principalmente, os rituais de curas das doenças por meio de plantas medicinais. Uma vez que os mais velhos tem muita resistência a respeito dos métodos da medicina formal.

Do mesmo modo, a criança Anambé sabe muito pouco a respeito dos rituais indígenas, daí porque a entrada das igrejas evangélicas acabam, de certa forma, influenciando principalmente os mais jovens. Por outro lado, o povo Anambé está

resistindo e lutando pela reconstituição de alguns traços culturais herdados dos seus ancestrais, e as crianças são muito importantes nesse processo, visto que são as crianças Anambé as grandes responsáveis pela esperança de reconstituição da língua materna. Pois o professor indígena da aldeia aprende a língua com os sábios (velhos e velhas) da aldeia e depois repassa para as crianças.

Destaco também, sendo que já foi mencionado que a criança Anambé é muito importante dentro da aldeia e isso fica visível na fala de Maria Valdeniza Pantoja Anambé, quando ela diz que:

“A criança pra gente, representar uma parte da gente né! Vamos dizer assim pra gente, uma criança é como se a gente plantasse uma semente e ela crescesse, pra quando nós os pais falece, aquela criança ficou ali como uma semente que foi plantada, enquanto a árvore grande morre, a criança nasceu para dar continuidade né, para não acabar a nossa população, criança pra nós é uma parte da nossa vida, é uma semente que nasceu da gente, pra que nós víssemos através delas ter uma outra vida, para dar continuidade, então criança pra nós aqui é muito importante, e uma dor tão grande é perde uma criança! Esse ano mesmo agora em dezembro faleceu uma criança de um ano e cinco mês, então quando a gente perde uma criança igual quando nós perde um idoso, as pessoas que já estão de idade, mas também a gente sabe que tem que morrer, mas para gente é um símbolo muito forte que temos dentro da aldeia, as crianças e os idosos! A gente que trabalhar na saúde, nós se volta mais para a parte dos idosos e das crianças, porque são tão inocentes, são tão frábil, então precisa do nosso cuidado, pra nós isso ai é muito importante, ter um carinho por um idoso porque a gente sabe que é por eles que estamos aqui, então é isso e através deles que vieram nós e de nós vem nossos filhos ai vai dando continuidade, então é muito importante isso pra gente, é muito grande isso na vida de um índio a criança, a criança é do bem, a criança praticam o que a gente ensinar, coisa boa que gente tem que ensinar para os nossos filhos, ensinar eles a resgatar o que já tá se perdendo, muitas coisas já se perdeu, e isso se dar através da língua anambé, pintura, artesanato, isso são coisas que preservamos ainda! Ah tem dois dias a aula de língua sexta e sábado, mas agora tem muitas coisas que já foram esquecidas né! E a gente luta ainda pra resgatar, porque não pode acabar, porque o índio é reconhecido através da cultura né!” (Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos, moradora da aldeia).

Percebemos na fala anterior a importância que a criança tem dentro do contexto social do povo Anambé, é vista como um símbolo de perpetuação e continuidade de uma história plantada pelos seus antepassados, para que através dela não haja o desaparecimento da cultura indígena. É perceptível todo o carinho, respeito e proteção que os Anambés tem com as suas crianças, e tudo isso é para que elas cresçam, floresçam e não deixem que a história desse povo morra. Dentro desse contexto observamos também que desde de pequena a criança pode se sentir livre para fazer o

que desejar e conquistar o seu espaço, desde que não venha se prejudicial, conforme afirmou dona Vanusa Anambé:

“Elas são livres para andar em toda a aldeia, ela não é proibida de andar pela aldeia, e só chamamos atenção delas quando necessário” (Vanusa Anambé, uma das lideranças Anambé).

Da mesma forma, Maria Valdeniza Pantoja Anambé ao ser perguntada se as crianças são livres na aldeia, respondeu:

“São! São livre, a gente proíbe sim, a fazer coisas que venha trazer problemas, como brigar com parentes, negócio de tá se envolvendo em confusão, pra viver em uma comunidade unida, uma comunidade sem problema” (Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos, moradora da aldeia).

Percebe-se, através das falas das entrevistadas, que as crianças embora sejam livres para ir e vir nos espaços da aldeia, há limites para não se envolver em intrigas, mas sim, são ensinadas a exercer a boa convivência para viver em união com os seus. E assim as mirirús vão construindo suas identidades, conquistando diferentes espaços e atividades na aldeia, desde que estas não lhes causem algum tipo de prejuízo, que possa comprometer de alguma forma suas vidas. Destaco ainda que as crianças exercem uma importantes função de mesangeiras, sempre levam recados de uma casa a outra e nada passar despercebida ao olhos delas pois elas sempre são sempre muito bem informadas de todos os acontecimentos. E como Clarice Cohn diz sobre os Xikrin:

As crianças estão sempre muito bem informadas do que acontece na aldeia, inclusive trocando informações (impressões) entre si. Quando nasce um bebê, são sempre as crianças as primeiras a se chegarem a informar sobre a parturiente e s aúde e sexo do bebê. [...] as crianças atuam também como mensageiras entre as casas aprendendo assim na prática as complexas redes de relações sociais e os princípios das prestações recprocas[...] (COHN, 2000, pg. 70 e 71)

2 AS PRÁTICAS SOCIAIS DOS MIRIRÚS: E O ESPAÇO FAMILIAR

Clarice Conh ao analisar as praticas sociais das crianças Xikrin afirma que seus dias podem ser sempre diferentes: em um acompanha a mãe à roça; em outro, fica em casa, na companhia das outras crianças; em outro ainda, pode acompanhar o pai

em uma pescaria; e, se já for grande o suficiente, pode um dia fazer seu próprio programa, e sair com outras crianças pelos caminhos e cpoeirias que rodeiam a aldeia, ou pelo rio, nas pedrasou, com uma canoa, pelas proximidades. (COHN,2000, pg. 63)

Na aldeia que é o foco do estudo o dia-a-dia dos mirirũs não é diferente, sendo que as crianças Anambé participam de todas as práticas sociais e culturais que acontecem na aldeia. Como observamos o que elas mas gostam de fazer é brincar, como por exemplo de pula corda(queira ver imagem 5).



Imagem 5: Mirirũs brincando de pula-corda. Fonte: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2014.

Em todos os momentos podemos observar as crianças brincados seja de pula-corda ou outras brincadeiras que fazem parte de qualquer universo infantil seja esse indigena ou outro grupo, nas palavras de Clarice Cohn as crianças indigenas brincam:

[...] Desde manhã até quando começa a esfriar o dia, no entardecer, grupos de crianças brincam animadamente nas margens e aguás do rio. Nas margens,

encontram lama(de uma terra argilosa) para moldar pequenos animais e principalmente bebês; nas águas, pulam cambalhotas, dão saltos mortais, pulam das pedras, nadam com e contra a correnteza[...]. (COHN,2000, pg. 67)

Semelhantes as brincadeiras mencionadas por Clarice Cohn durante o banho de rio também foram observadas entre os mirirũs Anambé(queira ver imagem 6, 7 e 8).

Dessa forma o dia-a-dia das mirirũs na aldeia Anambé é bastante dinâmico uma hora conforme já foi mencionado presenciamos eles no banho de rio que por sinal duram horas e horas, em outras ocasiões podem ta ajudando nas tarefas que eles sempre transformam em brincadeiras, em outros momentos podem está acompanhando os homens no preparo das caças e observam com atenção e muitas vezes até preparam junto com os adultos(queira ver imagem 9), e dar pra perceber através da imagem a importância dos ensinamentos tradicionais repassados pelos mais velhos para os mirirũs.

Foi possível também vê-las na companhia da suas mães na lavagem de roupa,(queira ver imagem 10).

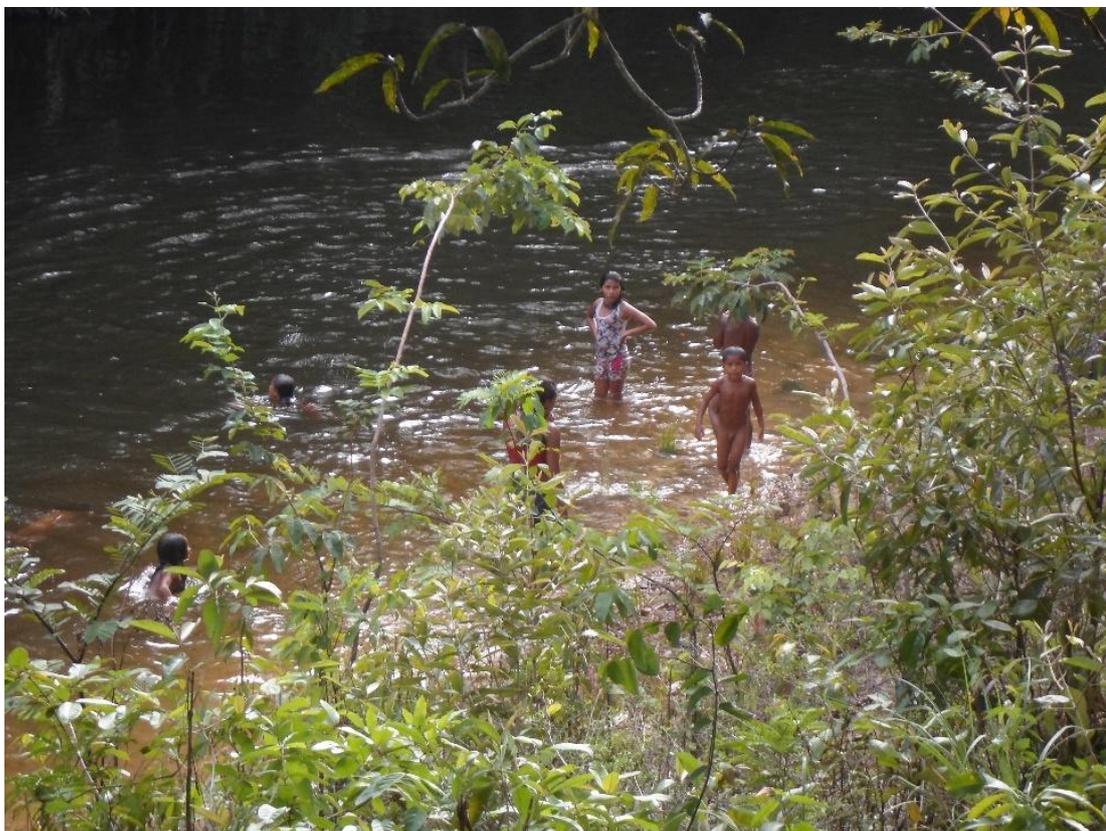


Imagem 6: Crianças tomando banho no rio. Fonte: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2016.



Imagem 7: Mirirũs subindo na arvoré para dar um salto no rio. Fonte: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2014



Imagem 8: Mirirũs brincando na lama. Fonte: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2014.



Imagem 9: Preparo de uma caça chamado caititu, e os mirirús observando todo o preparo do animal. Fonte: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2016



Imagem 10: Uma moradora lavando roupa, e podemos perceber a participação da criança. Fonte: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2016.

Comforme vemos as crianças estão presente em diferentes lugares do cotidiano do povo Anambé, e não existe horario definido para o ato do brincar entre as mirirũs, as brincadeiras acontece espontaneamente e em qualquer momento, sempre podemos ver-las brincando, no galho de arvoré, na mata, em casa em qualquer lugar que sintam vontade de realiza-las. (queira ver imagens 11 e 12) na imagens veremos as crianças fazendo as brincadeiras acontecerem nos espaços que foi mencionado. Vale ressaltar que na imagem 11 percebemos a forte influência dos brinquedos industrializados. E conforme Viana:

A criança é naturalmente um ser lúdico, que enriquece a sua imaginação através das brincadeiras. Contudo, percebe-se que a maneira de brincar vem se modificando e ganhando novos significados, conforme o espaço tempo e condição social em que as crianças estão inseridas, caminhando junto a esse novo mundo das brincadeiras estão os brinquedos[...] (VIANA, 2013, pg. 29).

Voltando novamente para discussão sobre o cotidiano da crianças Anambé, em outras ocasiões acompanhamos eles durante a praticar de rapar mandioca um dos processos que posteriormente servirá para produção da farinha (ver imagem 13). Como já foi mencionado podemos ver na imagem anterior a presença do mirirũs, que de vez enquanto sentam e ajuda um pouco e depois vão brincar pela aldeia (no entanto essa praticar para eles não deixar de ser uma forma de brincadeira, pois não são obrigados a fazer, fazem quando sentem vontade).

Vale ressaltar que, para os Anambé, as atividades de trabalho, que são executadas no cotidiano da aldeia, como por exemplo, etapas da preparação da farinha de mandioca, caça, pesca e coleta de frutos no mato, lavagem de roupa, nas quais envolve a participação de crianças, não são vistas como trabalho, mas sim como formas de aprendizado, que as crianças encaram como brincadeiras, além disso elas não são obrigadas a participar de quaisquer tipos de atividades que não queiram. Alguns entrevistados ao serem indagados se as atividades são vista como uma forma de trabalho infantil responderam:

“Não! Até porque nós não obriga nossos filhos a trabalhar; né? Assim elas tem os momentos deles de estudar, primeiramente, pra gente vem o estudo, é depois eles vão brincar né, e tem o horário deles de ajuda a fazer alguma coisa, mais é assim pouco, pra gente o que importar é nossos filhos se senti bem, fazer coisas que não venha prejudicar eles, pra gente nós não considera assim como um trabalho isso daí, porque a gente ensina pra eles não virem sofrer mais tarde então não é como se fosse um escravo, isso daí. A gente convida vai lá comigo descascar mandioca, mas se dizer assim há não, eu não quero ir não, ele não vai! Vai lá fazer isso aqui, há não eu não vou lá não, eu vou brincar, então vai brincar. Aí é assim, mas tem hora que a gente precisa ser duro nessa parte aí de não fazer coisa errada né, a gente tem que ser duro mesmo com eles!” (Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos, moradora da aldeia Anambé)



Imagem 11: Mirirús, estavam brincando pela mata da aldeia e tinham acabado de tomar banho no rio.
Fonte: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2016.



Imagem 12: Mirirũs, crianças brincando em uma casa. Fonte: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2016.



Imagem 13: Moradores e os mirirûs, descascando mandioca. Fonte: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2016.

Conforme se observa no trecho da fala de Maria Valdeniza Anambé, a criança ajudam sim nos afazeres diários, só que isso para esse povo, não é uma obrigação, mas ensinamentos que vão ser necessários para ela aprender, para que possa sobreviver futuramente, Mas se a criança se recusar em fazer algum trabalho, sua decisão é respeitada, pois ela tem sua liberdade, e isso perpassa por todas as etapas da infância. Neste sentido, observa-se que os espaços da aldeia Anambé são sempre povoados por crianças, elas são bastante ativas, circulam livremente pelos espaços da aldeia, podendo brincar e socializar uma com as outras. Jogam bola, brincam no rio, sobem nas árvores, brincam de pira na água (esta brincadeira também é chamada de pega-pega na água), brincam de pular corda. E, é nessa interação que ocorre o aprendizado entre as mirirûs Anambé. Neste sentido, observamos também que muitas vezes enquanto as mulheres jogam bola (praticam partida de futebol) algumas crianças ficam na beira (margem) do campo comendo manga e outra frutas que se encontra na aldeia. Outras então vão para o rio Cairari tomando banho e executando diversas brincadeiras na água, ficam no rio até quando as mães terminam a partida de futebol, chamam as crianças para irem para as suas casas.

Ao falar de brincadeiras das crianças Anambé, se observa que as mesmas passam por mudanças, já não são tão tradicionais como as que insurgem na memória dos mais velhos, isso não quer dizer que elas esqueceram totalmente as formas de brincar de seus ancestrais, apesar de nota-se a presença de brincadeiras e brinquedos com fortes influências da industrialização, como: bonecas, carrinhos dentre outros. Como já foi mencionado as mirirũs não brincam somente com brinquedos fabricados pelo não indígenas, eles reiventam as brincadeiras de seus antepassados, pois as formas de brincar não ficam estagnadas no tempo, mudou-se o modo e técnicas de fabricação, por exemplo: a flecha, arco e concais ainda fazem parte do seu cotidiano só que a tala não é a mesma que os mais velhos usavam, ou seja os materiais que é utilizado para fabricar esses brinquedos não é que era o mesmo utilizados pelo seu pais ou avós por exemplo. A brincadeira na lama e os brinquedos feitos com ela por exemplo (queira ver imagem 8) é tradicional, pois além das mirirũs se cobrirem todo com ela, elas ainda fabricam brinquedos como: bonecas, panelas, dentre outros objetos. Além disso ainda há a permanência de algumas brincadeiras como pira na água, o brincar de casinha como bonecas feitas de miriti, o jogo de bola também ainda é muito presente entre os Anambé (queira ver imagem 14) dentre outras.



Imagem 14: crianças jogando bola: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2016

Por mais que tenha a introdução da cultura dos não indígenas, nas brincadeiras das mirirũs Anambé, mas é como observamos vivendo conforme Viana colocar:

É comum encontrar, nas casas que foram visitas do povoado, brinquedos como objeto de decoração, são bonecas expostas ou carrinhos pendurados nas paredes, esse modo particular faz parte de uma tradição de enfeitar as casas. Se observou que os poucos brinquedos que as crianças possuem, não tem tanta importância para elas, pois preferem brincar no igarapé, nas árvores, na areia com pedacinhos de madeira ou correndo livremente em grupo pelo campo (VIANA, 2013, pg .62)

Destaco que sempre que falou de criança, estamos fazendo referência para os meninos e meninas, assim observamos que eles sempre andam em grupos, e no que diz respeito a essas crianças podemos fazer uma comparação entre a aldeia que é o objeto da pesquisa e a comunidade Assurini do Trocará, que ficam nas proximidades da cidade de Tucuruí-Pará, percebemos que nas duas comunidades as crianças são livres para circular em todas as imediações da reserva e não há restrições para esses curumins, apesar dos Assurini possuírem um número bem maior de crianças, nas duas comunidades a criança pode ser vista em todos os espaços. Vale mencionar que elas são sempre bem informadas do que acontece na aldeia, e muitas vezes exercem a função de mensageiras e fazem isso com muita alegria. Maria Valdeniza Anambé nos conta pouco do modo de vida das crianças na aldeia:

“A vida deles é assim brincar, correr, banhar no rio, aqui quando tá com três anos de idade já sabe nadar, a gente ensina a fazer tarefa de dia a dia, aprendi a ler e a escrever, mas também os afazeres a gente não obriga, incentiva a fazer, porque vai precisar mais tarde fazer, ensinar a fazer porque é bom pra eles ter essa liberdade... O dia todo eles vivem pelos espaços da aldeia e não se cansam do que eles fazem, aí e o dia todinho eles brincando, correndo, saltando aí na água e assim eles vão vivendo, vem almoçar fica por aí depois vai chamar outra turma daí e vai de novo no mesmo... Ele só fica em casa quando tá doente que a gente não deixa sair pra não ficar mais doente, então é importante isso pra eles no crescimento né” (Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos, moradora da aldeia).

Conforme na fala de Valdeniza Anambé as crianças gostam muito de brincar e passam horas e horas nesses ritmos de brincadeiras, e só param para descansar na hora das refeições e quando chega a noite que vão para as suas casas dormir. Tais atividades são próprias do seu tempo e assim elas vão construindo a sua afirmação do ser indígena, sua identidade, e conquistando também os seus direitos, enquanto a família dá incentivos, ensinando o que é necessário para que não venha sofrer quando for tornar

uma pessoa adulta, além disso conforme já foi demonstrando a criança está presente em todos os lugares conforme dizem:

“A criança ocupa vários lugares, em qualquer lugar ai eles estão, quando chegar pessoas ai na aldeia enchi de criançada ai... e isso pra eles é uma coisa muito boa, quando eles tem contato com pessoas diferentes que não é daqui eles se sente como assim.... que eles fosse o centro da atenção, quando ver ai não tem ninguém no colégio eles não vão lá, mas se dizer chegou um pessoal no colégio, ai eles se mudam pra lá, as vezes a gente não sabe nem pra onde são, eles são tipo assim um é.... tudo eles sabe se você pergunta assim onde é casa do fulano, ah e bem ali, vo ti leva, ai vai, então eles tem uma facilidade muito grande e como se fosse um grupo de turista que chegasse e tivesse uns guias para guiar assim eles são” (Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos, moradora da aldeia).

Quando eles dizem que as crianças estão em todos os lugares, podemos perceber o seu cotidiano a criança em diversos contextos sociais dentro da comunidade, como já vimos nas imagens anteriores que elas exercem uma variedade de papéis (queira ver imagens 5, 6, 7, 8, 9) assim as mirirũs não são excluídas de socializar como os adultos, pois uma prática comum dos Anambé é a reunião na frente das casas a tarde e as crianças sempre estão no meio das rodas de conversas e a família repassar todo o conhecimento para eles é nesse meio que também ocorrem o aprendizado. Sendo que Clarice Cohn comenta que: “Não seria exagero dizer que todos os momentos cotidianos são de aprendizado, mas isso significa também que não há vida cotidiana espaço e tempo específicos de ensino e aprendizado” (CONH,2000, pg.106). Além disso observamos que as mirirũs tem curiosidade em aprender, em nossa estadia observamos elas atentas na chegada de um banqueiro que faz vendas de alimentos as domingos na comunidade (queira ver imagem 15).



Imagem 15: Mirirús observando as compras que uma moradora estava fazendo, de um banqueiro que passar lá na aldeia fazendo vendas de produtos industrializados todos os domingos. Fonte: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2016

Como já foi dito na imagem 15, podemos perceber a curiosidade da criança na chegada de um comerciante na aldeia, sob o aspecto econômico e cultural pode-se perceber a importância do aprendizado das movimentações da sua comunidade dentre todas as características, uma vez que será fundamental para quando se tornar adulto, em outras palavras, as crianças de hoje, serão os adultos de amanhã e estarão encarregadas de fazer com que sua cultura e prática ainda permaneça viva e passe de geração a geração.

3 AS MIRIRÚS E PRÁTICAS CULTURAIS: E OS SABERES INDÍGENAS ANAMBÉ

Durante a pesquisa presenciamos um momento muito rico da cultura desse povo, observamos crianças cantando na língua indígena uma música chamada de Aricopã, a respeito da qual os pequenos não souberam ou não quiseram nos dizer o significado. Por

outro lado, ouvimos relatos de criança, como de uma chamada de Titinã⁵ Anambé, que afirma que já participaram de algumas danças e rituais indígenas que aconteciam na aldeia, só que agora as mães só as convidam para participar dos cultos de uma igreja evangélica que se instalou nesta aldeia. Com já foi destacado anteriormente a implantação dessa igreja no começo influenciou muito na vida de todos os ambientes e principalmente das crianças que perderam o interesse pelo ensinamentos religiosos indígenas.

Conforme afirmar Silva (2013) na Aldeia Anambé, tais mudanças transcendem os dias atuais, principalmente entre os mais jovens, que já não demonstram interesse em reforçar os laços com suas ancestralidades tanto cultural como religioso.

“Os mais velhos ainda guardam os ensinamentos antigos resultado de raízes de sua ancestralidade. Fato, que segundo eles, estão se perdendo devido a morte dos mais velhos e o desinteresses dos mais novos tanto pelos costumes como pelas religiosidades, principalmente por não haver a figura simbólica da religiosidade indígena que é o Pajé” (SILVA, 2013, p. 49).

No entanto vale ressaltar que a pintura e artesanato ainda fazem parte e é uma prática dos Anambé, mas que no entanto só se pintam em ocasiões especiais, quando saem para se apresentar em eventos fora da aldeia e no dia 19 de abril, data que se comemorar o dia do “índio”, mas conforme a fala de Ivanilde Anambé:

“só algumas pessoas que fazem pinturas e o artesanato, porque os jovens não gostam de aprender, porque quando saem da aldeia senti vergonha de sair pintado e quando vão nem sai do ônibus”(Ivanilde Anambé, 31 anos, moradora da aldeia).

Dessa forma a visão pejorativa e eurocêntrica ainda está muito enraizada na cabeça de não indígenas em relação os povos indígenas, que acaba colaborando para que muitos indígenas sintam vergonha de sair pintados das aldeias e de se assumir a sua identidade como um indígena, e isso é um dos fatores que contribuem para que, os jovens Anambé não sintam vontade de aprender as práticas artesanais e as pinturas corporais, o que dar pra perceber que poucas pessoas na aldeia sabem fazer essas práticas e quando fazer é mas para comercializar com as cidades e vilas próximas. Então

⁵ Significar Marajá, fruto de uma palmeira existente na Terra Anambé e em todas as matas Amzônicas.

o que se pode observar entre os Anambé que só é repassando o conhecimento da pintura e artesanato quando a pessoa tem o interesse em aprender, e as crianças pouco sabem dessas práticas pois como já foi mencionado elas não são obrigadas a fazer o que não queiram, no entanto se uma criança quiser aprender todo o conhecimento é repassando para ela. Mas no que diz respeito ao conhecimento da floresta, fauna e flora percebemos que as crianças sabem todos os nomes das arvores, frutos o que é bom o que não é, conforme a falam,

“conhece tudo, sabe onde o rio é perigoso, onde não é perigoso, tudo eles sabem, os caminhos eles conhece onde vai chegar onde não vai” (Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 30 anos, moradora da aldeia).

Portanto, elas ainda não tem todo o conhecimento da pintura e artesanato, mas o conhecimento sobre a natureza de tudo um pouco sabem, e as músicas na língua materna também porque aprendem na escola com o professor de língua sobre isso aprofundaremos no próximo tópico.

4 OS CURUMINS E A ESCOLA AIPÃ ANAMBÉ

Maria Gorete Procópio afirmar que a escola é de extrema importância para a valorização da cultura de um povo, mas que no entanto, as políticas de educação voltadas para os povos indígenas, ainda não estão preparadas e estruturadas para levar o ensino escolar para dentro das aldeias, pois o ensino apresentar e ainda levar muitas características do ensino das escolas urbanas e há necessidade de incorporação da riqueza cultural da população indígena nos currículos escolares (PROCÓPIO, 2012). Partindo dessa afirmação, quando perguntamos qual é a relação estabelecida dos espaço escolar como essas crianças, a resposta que obtivemos é que os professores segundo Vanusa Anambé mulher do cacique da aldeia, que: *“A escola ajuda na valorização da nossa cultura”* (Vanusa Anambé, uma das lideranças).

Dessa forma na fala de outra moradora e possível identificar a afirmação da Vanusa Anambé, quando perguntamos de que forma a escola ajuda na valorização da cultura segundo ela:

“O professor que dar de primeira à quarta série né! Sempre a gente tem pegado professor assim que dar incentivo né! Principalmente por jovens pessoas que tão estudando, pra dar continuidade, pra não esquece, ensinar

eles, incentiva eles a preservar a cultura e não tá se envolvendo com coisas que vai tirar a cultura, graças a Deus eles tem ajudado muito nessa parte né! É muito importante quando a gente recebe essas pessoas aqui, assim que incentiva, porque tem coisas as vezes que a gente não tem mais força pra isso né! E tem aparecido muitas pessoas, cada professor que entrar aqui tem uma visão e as vez, trabalhar em cima daquilo é faz bem pra comunidade, principalmente na cultura, eles tem ajudado muito sobre isso, as vez eles fazem também gincana com apresentação indígena, eles fazem os professores né!”. (Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos, moradora da aldeia)

Pela fala da indígena os professores que atuam nessa comunidade tem uma relação de respeito e preocupação como o povo Anambé e principalmente como os mirirús, trabalhando pela valorização cultural sendo que a criança é o principal foco, no entanto como a pesquisa foi realizado no período em que as aulas na aldeia estavam paradas, não tivemos a oportunidade de assisti nenhuma aula dos professores não indígenas.

Assim a escola Aipã é voltado para as crianças, pois a escola só é contemplada com as séries iniciais, sendo assim é através delas que se busca a reafirmação dos traços culturais que já foram perdidos e isso vem começando a se praticado dentro da aldeia, pois as crianças tem duas vezes na semana aula da língua materna e Vanusa Anambé falou que:

“o professor que dá aula de língua pegar pesado com eles, e amanhã inteira de aula de língua até eles aprende” (Vanusa Anambé, uma das lideranças da aldeia).

Assim, há uma luta dos Anambé pela preservação dos traços culturais que haviam sido esquecidos é isso começou com a língua materna e a criança é a esperança de manutenção de sua cultura e tradições e isso é visível na imagem a seguir onde podemos observar os nomes da crianças na língua e cada um desses nome tem um significado (queira ver imagem 16).

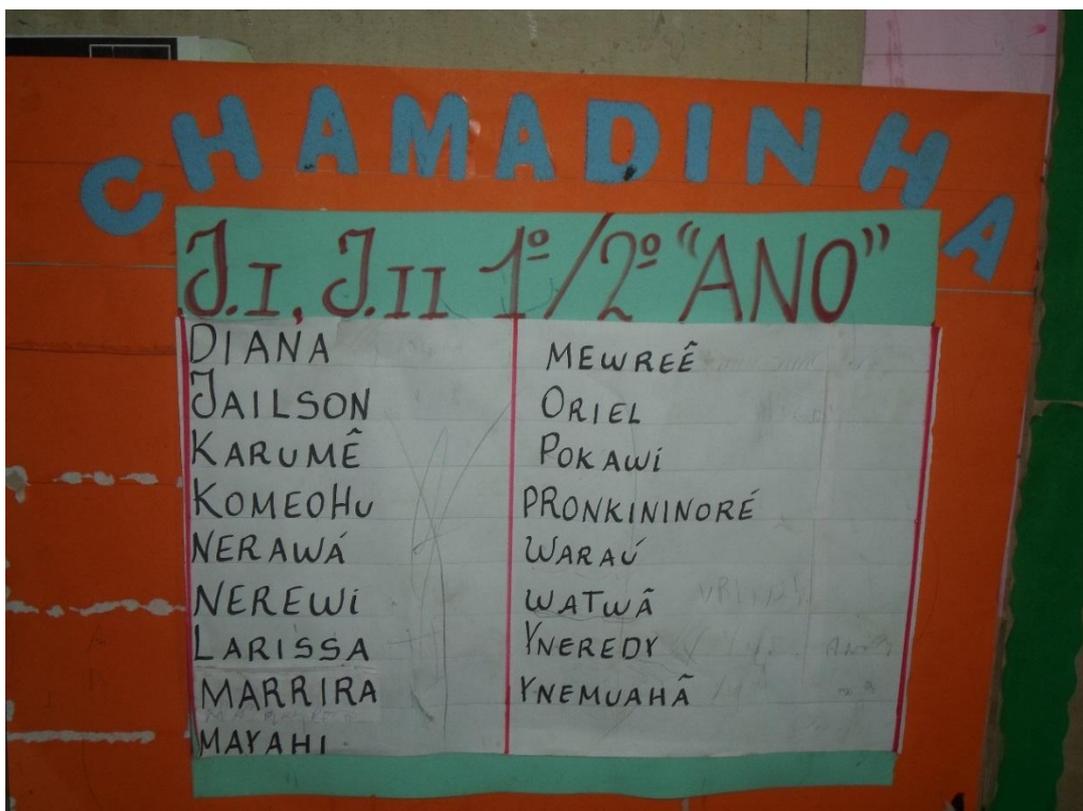


Imagem 16: Chamada como nomes das crianças na língua materna. Fonte: Arquivo da escola Aipã Anambé.

O professor indígena Taoca Anambé afirma que as crianças representam a esperança para reconstituição e preservação dos traços culturais desse povo, é através das crianças que está sendo trabalhando o fortalecimento da língua materna, que atualmente é pouco usada entre os Anambé. E para isso os Anambé contam com ajuda dos sábios da aldeia, os índios mais velhos, que conhecem bem a língua e assumem a responsabilidade de repassar para os mirirús.

Silva (2013) também destacar o que nos foi relatando pelo professor indígena da aldeia:

“A escola está tendo um papel de suma importância na educação de crianças e jovens da aldeia anambé, pois está contribuindo na valorização e reafirmação de traços culturais destes indígenas, principalmente no que concerne o respeito a reconstituição da língua, que está sob a responsabilidade de um professor indígena da própria aldeia, o prof. taoca anambé, que busca ajuda dos mais velhos, os sábios da aldeia, para recuperar aquelas palavras indígenas, que são desconhecida ou já esquecidas pelos mais jovens”.(SILVA, 2013, p, 41)

Como parte desse processo como vimos na imagem anterior as crianças Anambé estão sendo registradas oficialmente no cartório civil com nomes de origem indígena e sobrenome da sua etnia Anambé. E a escola tem um papel fundamental nesse processo

supracitado e segundo os Anambé foi mediante os contatos que estabeleceram com o Estado, através da FUNAI, que conseguiram a construção da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aipã Anambé, em 2008 que inclusive levar esse nome em homenagem ao antigo Pajé Aipã. Segundo os relatos de pais, mães e das próprias crianças que frequentam ativamente a referida escola, nela aprendem tanto o saber formal, quanto os saberes indígenas. E segundo Vanusa Anambé: *“as crianças vão para a escola, mas geralmente saem no meio da aula, para ir comer manga, correm pela aldeia, tomam banho e depois voltam pra a aula”* (Vanusa Anambé, uma das lideranças da aldeia). Pois eles estão acostumado a se sentir livres e quando vão para uma sala de aula não consegue ficar muito tempo parados assistindo uma aula, sendo que isso não faz parte da realidade deles.

Apesar de todo os relatos que dizem que a escola ajuda na valorização da cultura, e não vamos generalizar dizendo que não ajuda pois exercer o ensino bilíngue, mas podemos observamos que o espaço da escola não tem estrutura e não é adequado com o ensino para atender a realidade desse povo, pois muita coisa que é ensinado foge do contexto indígena (queira ver imagem 8).



Imagem 17: Imagem de uma fruta que não existe na reserva, utilizada para ensinar matemática. Fonte: CRUZ. Imagem realizada no decorrer da pesquisa de campo, 2016.

Observamos nos desenhos que são trabalhados em sala de aula que árvores e frutos estão bem distante do cotidiano das crianças Anambé. Dessa forma, surge um questionamento porque não usa uma fruta que valorize o saber local? Seria bem mais fácil, porque existem uma grande variedade de frutas que nascem na aldeia e que faz parte do dia a dia, sendo assim poderia até usar a própria fruta como exemplo para explicar. Mas apesar disso a escola mantém uma relação de respeito com as crianças, ela buscam conforme relatos, a revalorização da cultura desse povo e isso como já ficou explicito vem ocorrendo com o resgate de práticas ancestrais que foram sendo esquecida ao longo do tempo. Vale ressaltar que como a pesquisa de campo ocorreu em um momento de férias escolares não tivemos a oportunidade de observar as aulas na prática, assim não temos certeza se os saberes tradicionais das crianças Anambé são levados em consideração dentro da escola, e não temos também a certeza se o lúdico ou seja as brincadeiras das crianças Anambé são explorados dentro da sala de aula. No entanto os moradores e a próprias mirirũs afirmam que tudo é explorado pelos professores não indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos indígenas por muito tempo tiveram seus direitos violados, ficando a margem da história brasileira, tal fato se deu devido à forte ideia preconceituosa que foi sendo estabelecida ao longo dos séculos, pelos povos não indígenas com intuito de descaracterizarem tal povo. Nesse sentido muitos direitos que as diferentes etnias indígenas exerciam perante a sociedade lhes foram negados (CARNEIRO DA CUNHA, 2012 apud, RIBEIRO, 2014). E esses direitos também foram negados para criança indígena que ficou à margem da história, pois não tinha o direito de falar por si.

Luciene Aparecida Pinto Costa Pereira defende que “conhecer a história da infância é não deixar que esta história passe por nós de maneira veloz, mas que seja reconhecida para, assim não nos acomodamos mais tradicionalmente com a ideia de que criança sempre foi assim: frágil, inocente, homens pequenos, sem limites” Segundo esta mesma autora, a concepção que atualmente temos a respeito da criança é uma ainda construção recente. Visto que nem sempre a criança foi pensada e percebida dessa maneira e, durante muito tempo, ou por diversos períodos, “se questionou qual era o espaço, o tempo da infância, e quem era a criança, se somente as menores”. (PEREIRA, 2008)

De certo modo, houve um a demora para que tanto as Ciências Humanas focalizasse a criança como objetos centrais de pesquisa e ainda são muito poucos os trabalhos que trazem as histórias das crianças e principalmente a das crianças indígenas. Partindo desses pressupostos a pesquisa objetivou analisar a visibilidade da infância na aldeia indígena Anambé, destacando assim os diferentes papéis que a criança exerce dentro das práticas sociais e culturais na aldeia indígena Anambé.

Dessa forma, é possível afirmar que a criança Anambé participar de todas as práticas sociais e culturais do povo Anambé é livre dentro das imediações da reserva Anambé, não é obrigada a fazer o que não queira, ela aprender o sabe informal com a sua família que tem muito carinho e respeito por elas, além disso ela vai para a escola e aprender o saber formal com professores não indígenas, só que nessa mesma escola ela aprender os saberes do povo Anambé e todas as práticas culturais, principalmente a língua materna que é repassada por um professor indígena, e as brincadeiras fazem parte da vivência delas, sendo que elas brincam o tempo que acharem necessário, além disso

tomam banho no rio a hora que dar vontade e muitas vezes exerce a função de garotos de recados, e sempre são bem informadas de tudo que acontece na aldeia.

Portanto, deve se destacar que a escola na aldeia Anambé enquanto uma instituição do estado trabalha para a construção da visibilidade da criança e está juntamente com a família trabalha pela reconstituição de alguns traços culturais que foram esquecidos pelo povo anambé e isso vem ocorrendo através das crianças, só que a escola ainda é uma instituição com características de umas escola urbana, que apesar do povo Anambé afirmar que ela colaborar para a valorização da cultura em alguns aspectos ela ainda deixar a desejar.

Vale ressaltar que escrever e estudar a história da crianças indígenas é descobrir um universo de muito aprendizados, além proporcionará a criação de diversos caminhos para futuras pesquisas seja nas ciências humanas, sociais ou qualquer outro campo de pesquisa que queira da voz a esses sujeitos que foram negligenciados por muito tempo das produções historiográficas brasileiras.

Além disso a pesquisa de campo em comunidades indígenas como a aldeia Anambé podem nos fazer enxergar as etnias indígenas longe daquelas pejorativas eurocêntricas enraizadas, ainda em muitas pessoas que continua pegando as visões deturpadas sobre as populações indígenas como por exemplo de um ser selvagem e sem história, além disso a pesquisa proporcionou um momento muito rico de muitos aprendizados com esse povo.

Portanto a pesquisa constatou que a criança Anambé faz-se presente em todos momentos do cotidiano da comunidade Anambé e seus dias são bastantes diferentes e dinâmicos: uma hora ela pode está no rio, em casa na companhia de outras crianças que é muito raro de acontece que na maioria das vezes só vão em casa para fazer as refeições e dormir, ou podem está pela mata aos redores da aldeia, em outro momento ela pode ta ajudando o seu pai na pescaria ou pode está na companhia da sua sua mãe na lavagem de roupa ou da louça, ou na companhia dos homens no preparo das caça, na coleta de frutos pela mata, também podemos ver-las ajudando no fabricação de farinha, ou brincando que é o que mais gostam de fazer como por exemplo: jogar bola, brincar no rio, nas arvores dentre outros, então como vimos os dias dos mirirũs se diferem sempre a cada dia, e só lembrando que as tarefas dos adultos que tudo no qual a criança participar como foi mencionando, as crianças encaram como brincadeiras e fazem quando sentem vontade, pois é através das brincadeiras que aprendem: a pintura, o

artesanato, a caçar, a pescar, cozinhar e percebemos que elas são sempre incentivadas pelos mais velhos a fazerem pois um dia essas miriãs cresceram e repassarão esses conhecimentos para os seus filhos e assim sucessivamente. Além disso vale ressaltar novamente que elas são sempre muito bem informadas de tudo que acontece na aldeia, pois nada passar despercebido aos seus olhos, é assim que vivem as miriãs Anambé.

FONTES DA PESQUISA

a) FONTES ORAIS:

A fonte oral foi de suma importância, pois através dela foi possível desvendar a história da criança Anambé, apesar de muitas conversas destaco aqui os nomes das pessoas, cujas falas foram fundamentais para a composição desse trabalho.

Vanusa Anambé, 42 anos (liderança feminina Anambé, esposa do Cacique).

Ivanildes Anambé, 31 anos (habitante da aldeia Anambé).

Maria Valdeniza Pantoja Anambé, 39 anos (moradora da aldeia)

Titinã Pantoja Anambé 07 anos (criança)

Amorim 34 anos (enfermeiro do posto de saúde)

Marcelo, 28 anos (dentista do posto de saúde)

b) FONTES ESCRITAS:

Foram utilizadas na pesquisa vários documentos escritos, dentre os quais se destaca:

Ficha médicas, relatórios médicos. Além de documentos pessoais dos entrevistados, como: carteira de identidade e certidão de nascimento.

c) FONTES IMAGÉTICAS:

d)

Utilizou-se na pesquisa mapas e desenhos encontrados na escola Aipã Anambé, assim como imagens encontradas em site da internet, além das imagens fotográficas feitas no decorrer da pesquisa de campo.

e) FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

SILVA, Adilson Igreja Da. Comunidade Indígena anambé e suas origens. IN: **Manifestações Religiosas Na Comunidade Indígena Anambé, Moju-Pará.**

PROCÓPIO, Maria Gorete Cruz. **Educação escolar indígena na Amazônia: Uma abordagem histórica sobre os desafios, avanços e perspectivas na escola Wararaawa Assurini localizada na Transcamentá, Tucuruí- Pará.** (Cametá-Pará, 2012 Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia).

COHN, Clarice. **A criança indígena a concepção Xikrin de infância e aprendizado.** Programa de Pós- Graduação do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, 2000. (Dissertação de Mestrado)

MELCHIOR, Marcelo Nascimento. **A Criança Xavante na História da Educação Indígena.** UDCB-Campo Grande, 2006

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Sheila Alves de, 1977- **A criança indígena nos estudos acadêmicos no Brasil: uma análise das produções científicas (2001 – 2012)** / Sheila Alves de Araújo. - 2014.
- ALVARES, Myriam Martins **Kitoko Maxakali: a criança indígena e os processos de formação, aprendizagem e escolarização.** *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 8, volume 15(1): 49-78 (2004)
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2. ed Rio de Janeiro: L 1981.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**/Walter Benjamin; tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari; posfácio de Flavio Di Giorgi. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BORBA, A.M. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: um estudo com crianças de 4 – 6 anos em instituição Pública de educação infantil.** 2005. Tese de (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói.
- CARVALHO, Nazaré Cristina. **Entre o Rio e a Floresta: Um Estudo do Imaginário e da Ludicidade de Crianças Ribeirinhas.** Programa de Pós –Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, 2006 (Tese de Doutorado)
- COHN, Clarice. **A criança indígena a concepção Xikrin de infância e aprendizado.** Programa de Pós- Graduação do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, 2000. (Dissertação de Mestrado)
- CORSARO, William (1997), **The sociology of Childhood**, London: Pine Forge
- CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. In: BAZILIO, L; KRAMER S. **Infância, educação e direitos humanos.** São Paulo: Ed. Cortez, 2003.
- BARROS, João Luiz Da Costa, **Brincadeiras E Relações Interculturais Na Escola Indígena: Um Estudo De Caso Na Etnia Sateré-Mawé.** Piracicaba, SP 2012

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREITAS, Marcos Cezar de. **História Social da Infância no Brasil/** - 8. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

KRAMER, S. Direitos da Criança e projeto político pedagógico de Educação infantil. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo, Cortez, 1996, 183 p.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, Métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gubbnkian, 2003.

GONÇALVES, Lylian Mares Cândido. **Crianças Indígenas Kaingang em escola não indígena: um estudo de caso envolvendo a escola estadual de ensino fundamental Manuel bandeira, em Lajeado/Rs: Lajeado, maio de 2011** (Monografia apresentada no Curso de Pós-Graduação em Supervisão e Gestão Educacional).

LOPES da SILVA, Aracy; MACEDO, Ana vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela(Orgs.). **Crianças indígenas, ensaios antropológicos**. São Paulo: Mari/Fapesp/Global, 2002b.

MEIRA, Ana Marta. **Criança, Brinquedo e Tecnologia: Uma Relação Delicada**. Milton Magna Bosco – Curitiba 2007.

MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada no Brasil colonial: 1726-1950. FREITAS, Marcos Cezar. (Org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

MELCHIOR, Marcelo Nascimento. **Watébrémi Xavante: Uma Aproximação ao Mundo da Criança Indígena**. UDCB-Campo Grande, 2008 (Dissertação de Mestrado).

MELCHIOR, Marcelo Nascimento. **A Criança Xavante na História da Educação Indígena**. UDCB-Campo Grande, 2006.

NUNES, Maria de Fátima Rodrigues. História, memória e resistência Assurini: Educação informal e formal construindo saberes e fortalecendo identidade. IN: **Educação Indígena “Um Portal Para Conhecer o Outro”: História, Identidade e Saberes da Comunidade Assuriní do Trocará**. UFPA/CUNTINS-Cametá, 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso).

- NUNES, Ângela Maria Machado Pereira. **“Brincando de Ser Criança”:** **Contribuições da Etnologia Indígena Brasileira à Antropologia da Infância.** Lisboa, 2003, (Tese de Doutorado)
- PRIORE, M.D. (org.) **História das crianças no Brasil.** São Paulo. Contexto. 1996.
- PINTO, Benedita Celeste de Moraes & PROCÓPIO, Maria Gorete Cruz (org.) **“Falaram de Extinção, Mas Nós Resistimos”:** **história e memória do povo Assurini do Trocará.** UFPA-Campus Universitário do Tocantins, Cametá, 2014.
- PROCÓPIO, Maria Gorete Cruz. **Educação escolar indígena na Amazônia: Uma abordagem histórica sobre os desafios, avanços e perspectivas na escola Wararaawa Assurini localizada na Transcametá, Tucuruí- Pará.** (Cametá-Pará, 2012 Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia).
- PRIORE, Mary Del. **História das crianças no Brasil** – São Paulo: Contexto, 1999. Vários autores.
- PEREIRA, Luciene Aparecida Pinto Costa. **Um olhar sobre a infância e as brincadeiras infantis a partir de relato de idosos da cidade de Mineiros** [manuscrito] / Luciene Aparecida Pinto Costa Pereira. – 2008. 144 f.: il., figs.
- RAMOS, Fábio Pestana. “A História Trágico-Marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI” In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1999, p.19-54.
- RODRIGUES, Luzia Maria. **A Criança e o Brincar** – Mesquita 2009.
- RIBEIRO, Bárbara de Nazaré Pantoja. **A Crença na Sawara e a Inserção de Credos Não Indígenas entre o Povo Assuriní do Trocará, no Município de Tucuruí-Pará.** UFPA/CUNTINS-Cametá, 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso).
- SILVA, Adilson Igreja Da. Comunidade Indígena anambé e suas origens. IN: **Manifestações Religiosas Na Comunidade Indígena Anambé, Moju-Pará.** UFPA/CUNTINS-Cametá, 2013 (Trabalho de Conclusão de Curso).
- SOBRINHO, Roberto Sanches Mubarac. **Ser criança indígena: vozes que ecoam suas culturas da infância.** Textura, n.32, set./dez.2014.
- TEIXEIRA, Maria das Graças de Souza. **A Criança Indígena no Seu Universo Lúdico.** IN: ANPUH, 2012.
- THOMPSON, Paul, 1935- **A voz do passado: história oral/** Paul Thompson; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. –Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

VIANA, Marilex dos Santos, **Brincadeiras E Brinquedos Tradicionais: Abordagens Históricas E Culturais No Povoado Remanescente De Quilombolas De Porto Alegre, Região Do Tocantins. UFPA/CUNTINS- Cametá, 2013 (Trabalho de Conclusão de Curso).**